

## Decolonizar a epistemologia: para um gozo sem paternidade

(Org.)  
Prof. Dr. ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES (IFBA/PPGL-UESC)  
Prof. Dr. RAFAEL HADDOCK-LOBO (UFRJ)  
Prof. Me. DANILO PEREIRA DA SILVA (UESB)



O dossiê em tela é resultado de um convite para rasurar a subjetivação branco-hetero-ciscolonial-judaico-cristã-ocidental e denunciar a “censura produtiva” da colonialidade e seus regimes de produção de verdade (Foucault, 2001). Reúne estudos interessados em sacudir os fundamentos e os modos de produção do saber e da metafísica ocidental, bem como delatar seu *modus operandi* como pensamentos coloniais e tecnoparasitas – efeito semiótico que opera no campo da produção de signos e sentidos (Rufino, 2021) –, responsáveis por genocídio, massificação e escombros.

Esses estudos contracoloniais e desobedientes, sarcásticos e corrosivos gozam do “penso, *logo* existo” e buscam superar taxonomia binária e hierárquica – bem/mal; certo/errado; fático/castrado; menino/menina; cis/trans. Debocham do “Conquisto, *logo* existo” e colocam em tela novas gramáticas de organização da vida, ou seja, colaboram para a modificação na produção de signos, sintaxe e subjetividade. Por meio de pesquisas encarnadas, longe da razão pura de Immanuel Kant, de sua leitura do belo e do sublime, implodem mapa epistêmico e pretensa superioridade étnica e cognitiva do colonizador (Messeder, 2020).

Operando filosofias da diferença, eco e transfeministas, travestis e drags, pós-críticas, advindas das periferias, dos movimentos negros e indígenas, são leituras cerradas da perspectiva logocêntrica. Colocam em foco o pensamento crítico das tradições epistêmicas do Sul, convidando-nos a saberes pluriversais, coletivos, ricos em sentidos e conceitos. Vão na contramão do modelo eurocêntrico de produção de saber, pautado em sadismo, estereotípiã, homogeneização (nascimento, 2018).

Não interessados em categorizar o outro, senão em romper com fronteiras do conhecimento, buscam a interdisciplinaridade, advogam em torno de saberes interculturais, cuja centralidade é legada a autorias periféricas, subalternizadas e lógicas distintas do conhecer. Ao romper com fronteiras do conhecimento, dando lugar a metodologias interculturais, trazem à tona saberes historicamente recalçados.

Não se deixando sequestrar por binarismos enganosos, respostas rápidas e simplistas, os textos aqui dispostos sabem que epistemologia é coisa séria, define não apenas o que é o conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar (Kilomba, 2019), daí se esforçarem por gestar novos regimes cognitivos, amparados por uma ecologia de saberes: saberes da auto-organização e/ou da complexidade; ecossistêmicos e holísticos; rizomáticos; cuir; devir-monstros; filosofia arruaceira, do cruzo e das encruzilhadas (Simas; Rufino; Haddock-Lobo, 2020); autodecapitação (Preciado, 2018); capazes de abarcar as ciências sem o rebaixamento de saberes ancestrais, ameríndios, negros, das mulheres.

Que temos aqui, então? Pesquisas dissidentes, cujas vertentes teóricas diversas, alocadas nos estudos literários, filosóficos, de gênero, étnico-raciais, ocupadas com a formação de professores e com a infância, rasuram o domínio do tecnopatriarcado e denunciam o jogo de ficções ocidentais político-binárias e seu positivismo cartesiano.

São análises teórico-práticas de poemas, contos, crônicas, romances, literatura peruana e angolana, religiosidade de matriz africana, cujo campo de possibilidades de análise evoca a legitimação de modos de vida e saberes outros, como o indigenismo, a ginga, os saberes do semiárido, a lesbianidade, as travestilidades, a experiência de corpos negros e trans na academia.

Tudo isso num cruzo que não destrói conhecimentos ditos concorrentes, ao invés, promove um gozo sem paternidade – modo de experiência, além do princípio do prazer, satisfação que mantém relação próxima à dor, transgressora (Hook, 2021) – nem hipotecas metafísicas acoçadas por fantasias racistas interessadas em controlar a experiência do gozo do outro. Isso tudo sem visão de mundo mecanicista e determinista, ou seja, não buscam domínio, controle e previsão sobre cada aspecto da natureza e da sociedade. Dialogando com Conceição Evaristo e Geni Guimarães, Cidinha da Silva e Natalia Borges Polesso, Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas, Toni Morisson e José María Arguedas, Uanhenga Xitu e Geni Guimarães, apenas para citar alguns, criticam a lógica autoritária e injusta, cuja centralidade tem dado lugar e sustentado um cânone branco e cispatriarcal, comprometido com

interesses capitalistas, neoliberais, fascistas.

O diálogo aqui proposto é horizontal e implica em aprender a pensar de outro modo, aprender a pensar “com” e não “sobre”, construir conceitos outros, linguagens e escritas outras, num esforço de elaborar outro mundo possível, menos cafona e cínico. Na real, não se aguenta mais uma epistemologia branco-egocentrada, caduca, eivada de clichês e arrogância, teimosa em bloquear o saber, ignorante e birrenta, infantil e desastrosa buscando travar o jogo de sentidos de significante a significante, interessada em “matar” o enigma a todo custo e descobrir o segredo de tudo, como se tudo tivesse um segredo a ser descoberto, empacotado, transformado em *commodities* e vendido, como se possível fosse esclarecer – nos termos brancocentrados – as questões todas em pormenores e por meio de especializações e compartimentações do saber que, ao fim e ao cabo, tem se demonstrado fraco e vacilante.

Ora, o saber que não tem paixão pela ignorância (Dunker, 2020) e que encobre o fato de que todo conhecimento é interessado, resultado de lutas e renegociações pelo poder, manietado por sujeitos – não necessariamente agentes, menos uma substância diferencial do que um conjunto de inter-relações (Butler, 2015) –, cujas posições – deles e dos saberes – são sempre instáveis, deslocadas, um conjunto de efeitos de verdade, está comprometido com uma epistemologia linear, lógico e causal, cuja metafísica da presença – na qual significante e significado supostamente se uniriam; o significante se apagaria e o conceito se apresentaria “ele próprio” –, é um engodo, uma ficção sobre a qual

está estruturada a episteme da tradição (Derrida, 2001).

O conjunto de textos que a Revista Espaço Acadêmico (REA) coloca agora em curso, resultado de luta política travada no plano da verdade, anticolonial e antifascista, contra a invisibilidade e a estereotipia, se propõe como epistemologia dissidente. São pixações lírico-discursivas, escrevivências, pesquisas encarnadas, interessadas em afrontar a Augusto Comte e a Tradição, a Ordem, o Progresso e a Neutralidade branco-burguesa. Conjunto de escritos metaepistêmicos, é estratégia que consiste em identificar e questionar os limites do pensamento e de suas fronteiras.

Com vistas a reorganizar produções em torno da epistemologia da Razão, coloca em curso poéticas feministas dissidentes, literaturas semiáridas e úmidas, saberes locais e escrevivências, buscando um pensamento como potência, capaz de desnaturalizar identidade homogênea de referência em torno do saber.

Em outros termos, chega agora para as/os leitoras/es de REA, um acervo que debate os termos daquilo que chamamos de saber, um convite para romper com vocabulário normativo, pensar criticamente e distanciar-se de enquadramentos frágeis e perspectivas teóricas pré-concebidas. Mas, que “acervo” qual o que, o que estamos a dizer?

Na verdade, poderíamos dizer, com tranquilidade, que em suas mãos chegam agora “tecnologias ancestrais”, fissuras contra-hegemônicas a desarticular a colonialidade do poder, do saber, de gênero. Em outros termos, é pó de pomba, ebó palavreiro

interessado em despachar o carregamento colonial (Rufino; Simas, 2019) e as neuroses da branquitude. Trata-se de uma crítica do processo de legitimação do conhecimento, resultado de demandas da diversidade e da diferença, espaço em que pulsam outras demandas de representação, um projeto epistemológico e decolonial, ético e estético, potência inventiva e criativa: puro gozo, satisfação libidinal, não sem dor, a nos ligar à alteridade, *ao incrível!*

Boa leitura!

#### Referência

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 129–143, abr. 2016.

BUTLER, Judith. O não pensamento em nome do normativo. *In*: BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 197-232.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DUNKER, Christian. **A paixão da ignorância: uma psicanálise da educação para a escuta**. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 2001. (v. 1: a vontade de saber).

HOOKE, Derek. Racismo e gozo: uma avaliação da hipótese do “racismo como (roubo de) gozo”.

*In*: GUERRA, Andréa Máris Campos; LIMA, Rodrigo Goes e. **A psicanálise em elipse decolonial**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

KILOMBA, Grada. Quem pode falar? Falando no Centro, Descolonizando o Conhecimento. *In*: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. p. 47-70.

MESSEDER, S. A. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. *In*: Heloísa Buarque de Holanda. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 160-175.

nascimento, tatiana. **Cuirlobismo literário**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. Filosofia da decapitação. *In*: PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. p. 440 – 441.

RUFINO, Luiz. Epistemologia na Encruzilhada. **Abatirá**, v. 2, n. 4, jul/dez 2021.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no Mato**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. **Arruaças: Uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

Recebido em 2023-10-26  
Publicado em 2023-12-01